

Agricultura no regadio do Baixo Limpopo, Gaza, Moçambique: uma breve análise e reflexão sobre a tipologia dos Agricultores

Nelson Maria Rosário

Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto (ESNEC-UEM) – Chibuto,
Gaza, Moçambique.

e-mail: nemarko17@gmail.com

Resumo

Este artigo buscou analisar e refletir sobre realidade agrária, especificamente da tipologia dos agricultores existentes na região do regadio do Baixo Limpopo, província de Gaza, Moçambique. Para alcançar aos objetivos preconizados, os procedimentos de pesquisa adotados foram fundamentados na abordagem sistêmica de cunho qualitativo e quantitativo. Atualmente, e com base na pesquisa realizada, identificou-se na região do regadio do Baixo Limpopo a existência de quatro (4) grandes tipos de agricultores, nomeadamente os Agricultores do Setor Familiar; Agricultores Autônomos; Agricultores Emergentes e Empresas Agrícolas Privadas. A diferenciação social dos agricultores do regadio do Baixo Limpopo pode ser explicada por pelo menos três condicionantes. A primeira delas é o acesso à terra, que determina as áreas exploráveis por unidade de produção familiar e, por conseguinte, a produção e o rendimento disponível da família. A segunda condicionante é o acesso aos meios de produção, a variável mais importante e que mais determina as diferenças observadas entre os agricultores. Por fim, mas não menos importante, é a capacidade de mobilização da força de trabalho dos agricultores locais.

Palavras Chaves: Agricultura; tipologia de agricultores e regadio do Baixo Limpopo.

Agriculture in irrigation from the Lower Limpopo, Gaza, Mozambique: a brief analysis and reflection on the typology of Farmers

Abstract

This article sought to analyze and reflect on agrarian reality, specifically the type of farmers existing in the Lower Limpopo irrigation region, Gaza province, Mozambique. In order to achieve the recommended objectives, the research procedures adopted were based on a qualitative and quantitative systemic approach. Currently, and based on the research carried out, the existence of four (4) large types of farmers has been identified in the Baixo Limpopo irrigated region, namely the Family Sector Farmers; Autonomous Farmers; Emerging Farmers and Private Agricultural Companies. The social differentiation of farmers in the Baixo Limpopo irrigation system can be explained by at least three conditions. The first is access to land, which determines the exploitable areas per family production unit and, therefore, the family's production and disposable income. The second constraint is access to the means of production, the most important variable and which most determines the differences observed between farmers. Last, but not least, is the ability to mobilize the workforce of local farmers.

Keywords: Agriculture; typology of farmers and irrigation in the Lower Limpopo.

Agricultura en regadio do Baixo Limpopo, Gaza, Mozambique: breve análisis y reflexión sobre la tipología de los Agricultores

Resumen

Este artículo buscaba analizar y reflexionar sobre la realidad agraria, específicamente el tipo de agricultores existentes en la región irrigada del Bajo Limpopo, provincia de Gaza, Mozambique. Para lograr los objetivos recomendados, los procedimientos de investigación adoptados se basaron en un enfoque sistémico cualitativo y cuantitativo. Actualmente, y en base a la investigación realizada, se ha identificado la existencia de cuatro (4) grandes tipos de agricultores en la región irrigada de Baixo Limpopo, a saber, los Agricultores del Sector Familiar; Agricultores autónomos; Agricultores emergentes y empresas agrícolas privadas. La diferenciación social de los agricultores en el sistema de riego de Baixo Limpopo puede explicarse por al menos tres condiciones. El primero es el acceso a la tierra, que determina las áreas explotables por unidad de producción familiar y, por lo tanto, la producción familiar y el ingreso disponible. La segunda restricción es el acceso a los medios de producción, la variable más importante y que más determina las diferencias observadas entre los agricultores. Por último, pero no menos importante, está la capacidad de movilizar la fuerza laboral de los agricultores locales.

Palabras clave: Agricultura; tipología de agricultores y riego del Bajo Limpopo.

Introdução

O presente estudo trata de analisar e refletir sobre a tipologia de agricultores da região do regadio do Baixo Limpopo, Gaza/Moçambique, onde a principal atividade econômica, como no resto do país, é a agricultura. Devido às condições agroecológicas que a região do Baixo Limpopo apresenta, foi construído na década 1950, pelo Governo Colonial Português o regadio do Baixo Limpopo (considerado um dos maiores sistemas de irrigação da região). Este regadio foi implantado com o objetivo de aumentar a produtividade agrícola na região e permitir o estabelecimento da agricultura comercial em Gaza.

A agricultura predominante na província de Gaza é de sequeiro onde os produtores fazem as lavouras e sementeiras á medida em que se regista precipitação no início de cada época. A maioria dos produtores usa sementes não melhoradas provenientes das suas produções. A maioria das famílias pratica agricultura de subsistência onde a principal finalidade é garantir a segurança alimentar.

Este trabalho está estruturado em cinco seções. Para além da parte introdutória, na primeira é referente os procedimentos metodológicos usados para a concepção do trabalho. A seção dois faz uma breve caracterização da agricultura moçambicana. A terceira seção apresenta o cenário da agricultura na província de Gaza. A quarta seção é dedicada a descrição da tipologia de agricultores existentes na região do regadio do baixo Limpopo. A última seção apresenta uma breve reflexão sobre a diversidade de agricultores existentes no regadio. E por fim, faz-se as considerações finais.

Procedimentos metodológicos

A agricultura no Regadio do Baixo Limpopo, Gaza, Moçambique: Uma Breve Análise e Reflexão Sobre a Tipologia dos Agricultores adotou uma abordagem quantitativa e qualitativa descritiva, empregando-se o estudo de caso. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foram selecionados a pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica consistiu em obter informação a partir de material já publicado em livros, artigos científicos, monografias, dissertações, teses e planos do Governo de Moçambique.

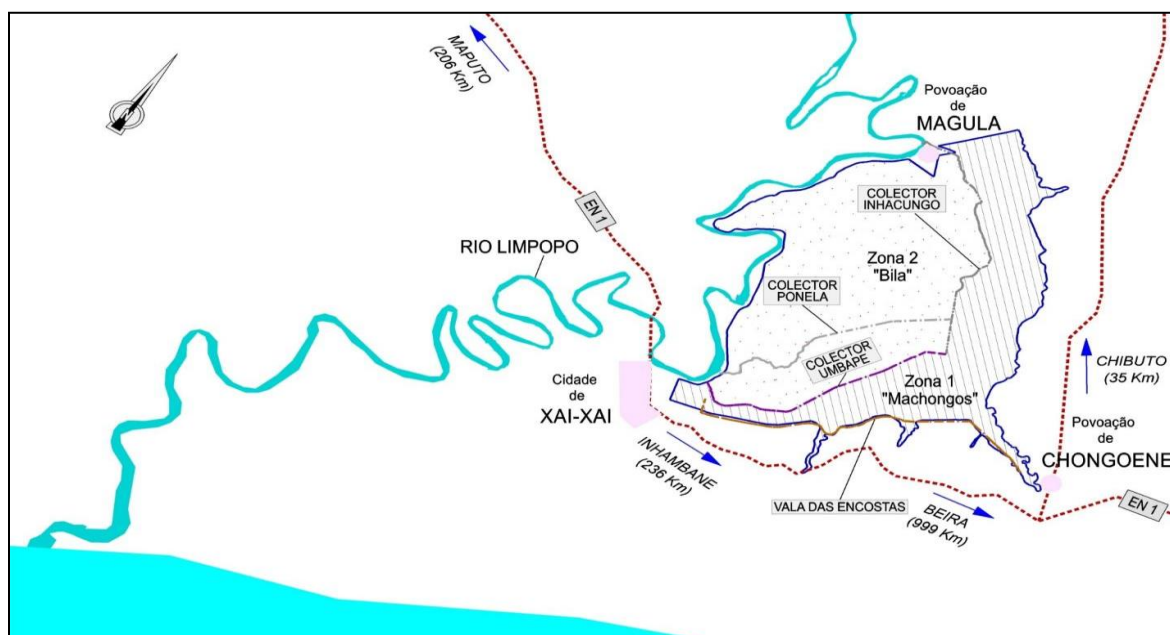
A abordagem quantitativa permitiu caracterizar e tipificar os agricultores da região do regadio do Baixo Limpopo em diferentes tipos de unidades de produção agrícola (UPAs), segundo o sistema de produção (sistemas de cultivo, de criação e atividades de transformação), bem como segundo o sistema social.

A coleta de dados foi com base em questionários (com questões de vertente quantitativas) feitas aos agricultores da UPA. Para a análise dos dados e de forma a sumarizar os dados coletados, recorreu-se a utilização de tabelas produzidos com recurso ao pacote Microsoft Excel - versão 2010. O mesmo pacote serviu também de ferramenta para análise e interpretação da respectiva informação bruta, a fim de obter algumas estatísticas que ajudaram a retirar conclusões do trabalho.

Na abordagem qualitativa para além da pesquisa bibliográfica e documental utilizou-se a observação, o que implicou em visitas aos vários campos de produção existentes no regadio do Baixo Limpopo, ao bloco de drenagem onde os agricultores familiares praticam as suas atividades bem como ao projeto Wanbao, que ocupa parte considerável dos hectares referentes ao bloco de irrigação, contatos com as pessoas chaves indicadas pelos próprios sujeitos da pesquisa, participação em eventos locais como oficinas, reuniões com os líderes comunitários etc. Importa referir que a observação foi direta e participante.

Para o presente estudo, foram considerados sujeito da pesquisa os agricultores que exercem as suas atividades dentro do perímetro do regadio do Baixo Limpopo (figura 1). Portanto, foram inquiridos cinquenta e seis (56) pequenos agricultores do setor familiar que ainda não se beneficiaram do programa de transferência de tecnologias filiados as Casas Agrárias, nomeadamente seis (6) agricultores pertencentes a Casa Agrária de Chongoene, sete (7) agricultores afetos a Casa Agrária de Nhancutse, sete (7) agricultores da Casa Agrária de Inhamissa, sete (7) agricultores da Casa Agrária do Siaia e por fim sete (7) agricultores pertencentes a Casa Agrária de Nhampondzoene.

Figura 1: Mapa de localização do Regadio do Baixo Limpopo.



Fonte: RBL-EP (2018).

Além dos agricultores do setor familiar que ainda não se beneficiaram do programa da transferência de tecnologia providenciada pela Wanbao, constituíram também como sujeitos da pesquisa, seis (6) agricultores considerados emergentes e pertencentes à associação dos Agricultores Regantes do Baixo Limpopo (Arpone), e sete (7) agricultores do setor familiar que já se beneficiaram do programa de transferência de tecnologia agrícola do projeto Wanbao, a esses, juntam-se dez (10) agricultores que exercem as suas atividades de forma individual ou autônoma no regadio, assim totalizando 79 agricultores detentores de explorações agrícolas dentro da área do regadio do Baixo Limpopo.

Agricultura em Moçambique

Moçambique desfruta de uma abundância de terra, água e luz solar, tipicamente oriunda dos climas tropicais. Possui igualmente uma localização vantajosa em relação aos mercados regionais e rotas marítimas para a Ásia e Europa; Uma abundância de mão de obra barata; e uma variedade de zonas climáticas proporcionando condições favoráveis para o cultivo de muitos tipos de produtos e em épocas de alta de mercado. As oportunidades parecem enormes, desde a expansão de produtos tradicionais como o milho, açúcar, algodão, caju e coco, até ao desenvolvimento de novas culturas de rendimento, tais como os biocombustíveis, frutas e horticulturas, entre outros.

Por estas razões que a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional-USAID (2008) afirma que o setor da agricultura em Moçambique deveria ser

um forte polo de atração do investimento nacional e estrangeiro se o ambiente de negócios fosse favorável. No entanto, persistem ainda sérios obstáculos para o sucesso, tal como evidencia a fraca capacidade do país atrair grandes investimentos para agricultura e agro indústria, assim como o papel limitado da agricultura comercial em relação ao setor familiar.

Sitoe (2005) destaca os aspectos negativos da localização geográfica que faz com que o país seja suscetível aos desastres naturais (principalmente secas, cheias e ciclones) e à falta de aproveitamento integral das condições que apresenta para a produção agrícola, como sendo motivo para ainda investir em tecnologias que visam o aproveitamento da água para a irrigação, como parte de uma estratégia global de desenvolvimento do setor agrícola.

Não se justifica que com tantos recursos hídricos, o país não possa aproveitar a capacidade de explorar esses recursos em benefício da sua população e do país; o efeito das calamidades naturais no país, ainda não está suficientemente entendido como uma questão endógena do processo de desenvolvimento, que precisa de soluções douradoras, de médio e longo prazo; não se pode continuamente andar a correr com água atrás do fogo, como se bombeiros se tratassem (SITOE, 2005, p. 1).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação-FAO (s/d), a agricultura em Moçambique está fortemente bipolarizada, dividida entre 3,2 milhões de pequenos agricultores que produzem 95% da contribuição da agricultura para o Produto Interno Bruto (PIB), e cerca de 400 agricultores comerciais que produzem os restantes 5%. A agricultura é praticada em menos de 10% da terra arável, em condições de sequeiro (apenas 3% da terra arável é irrigada) e, em grande parte, em áreas propensas a cheias e secas frequentes.

Para Nijhoff (2014), a agricultura é o principal setor na economia moçambicana, contribuindo com um quarto do PIB e empregando cerca de 80% da força de trabalho. Assim, a agricultura oferece uma abrangência considerável para estreitar as disparidades de rendimentos persistentes entre as áreas rurais e urbanas, e reduzir a pobreza em regiões que têm beneficiado pouco dos ganhos económicos dos últimos anos.

Apesar de a agricultura ser o principal setor da economia moçambicana e absorver 80% da população ativa do país, ela ainda não cumpre o papel que lhe é definido na constituição da República¹ e nos vários programas e estratégias do Governo de Moçambique. A este respeito, o Observatório do Meio Rural (2016) afirma: (1) o país continua importando uma elevada percentagem dos alimentos, não cumprindo assim a primeira função que é o do abastecimento do povo e da satisfação da procura (o milho e a mandioca são exceções). Os níveis de subnutrição, fome e instabilidade alimentar

¹ Na República de Moçambique a agricultura é a base do desenvolvimento nacional. O Estado garante e promove o desenvolvimento rural para a satisfação crescente e multiforme das necessidades do povo e o progresso económico e social do país, Artigo nº 103, Constituição da República (2004).

comprovam esta afirmação; (2) Alguns dos bens que poderiam constituir matérias-primas para a indústria nacional baixaram significativamente de produção; a produção do açúcar, do algodão e do tabaco atingiram níveis elevados de produção, mas, com exceção do açúcar, são basicamente exportados; neste ponto deve se considerar o colapso da indústria têxtil, entre outras. Assim sendo, não se cumpre a segunda função definida, que era o abastecimento de matérias-primas à indústria nacional; e, (3) a balança comercial agrícola e a alimentar em particular, é crescentemente negativa; a terceira função, a de contribuir positivamente para a balança de pagamento não está sendo concretizada.

Ainda segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação-FAO (s/d), a dificuldade de acesso ao crédito e aos mercados, a fraca utilização de insumos melhorados, o predomínio da agricultura de sequeiro e a elevada dependência da importação de produtos alimentares, fazem da agricultura um setor muito vulnerável. A produtividade das culturas tem-se mantido baixa por causa da fraca opção de tecnologias modernas de produção (apenas 5-10% dos agricultores usam sementes melhoradas, 5% usa fertilizantes, a média de uso de fertilizantes em 2008 foi de 5,3 kg/ha, e 10% usa tração animal), o acesso limitado a incentivos financeiros, e o fraco acesso a mercados para colocação dos produtos e a cadeias de valor.

Cunguara e Moder (2011) alinham pelo mesmo diapasão quando afirmam que a baixa produtividade agrícola está relacionada a vários fatores, tais como: distribuição irregular das chuvas², baixo uso de tecnologias melhoradas, precário estado das infraestruturas rodoviárias, principalmente a fraca ligação entre o Sul e o Norte do país, e relativamente poucos investimentos na agricultura.

Para o FMI (2014), Moçambique permanece um importador líquido de gêneros alimentícios para fornecer os centros urbanos. A produção de milho cresceu apenas 3,5% ao ano de 2005/06 a 2010/11 e de mandioca 2,5%, apenas o suficiente para acompanhar o ritmo do crescimento populacional anual de 2,7% de Moçambique. O crescimento na produtividade de produtos alimentares essenciais tem sido baixo, e as produções de arroz, milho, mandioca e batata-doce estão entre as mais baixas da região.

“O setor agrícola é composto por quatro tipos abrangentes de empresas: 1) agricultores de subsistência em pequena escala; 2) Agricultores de pequena e grande escala com ligação a mercados; 3) Empresas de agronegócios verticalmente integradas (com esquemas de funcionamento com produtores sob contrato); e 4) prestadores de serviços de agronegócios (fornecedores de meios de produção, agregadores). Desenvolver o setor agrícola irá exigir a integração do primeiro grupo e mais do segundo grupo em cadeias de valor que são conduzidas pela procura e incentivadas por empresas de

²As chuvas no ambiente tropical são naturalmente concentradas em um período do ano, inclusive com a definição da sazonalidade. E para este caso específico, a questão climática não é necessariamente um empecilho, a questão é fundamentalmente tecnológica e de soberania alimentar.

agronegócios (o terceiro e quarto grupos). Estes diferentes participantes enfrentam condicionalismos diferentes e requerem diferentes tipos de apoio” (NIJHOFF, 2014, p. 77).

No que concerne ao apoio para o setor referido por Nijhoff (2014), Siteo (2014) afirma que os serviços de extensão ainda são limitados em Moçambique, de um total de 128 distritos no país, apenas 55 estão cobertos com os serviços públicos de extensão; Apesar do reforço que estes serviços recebem da contribuição das organizações não governamentais, a sua cobertura ainda é relativamente fraca. Segundo o Trabalho do Inquérito Agrícola-TIA (2002), o número total de extensionistas dos serviços públicos é de 485, enquanto a rede de extensão das ONG's é composta por 350 extensionistas.

Nijhoff (2014) afirma ainda que o setor agrícola moçambicano registrou um forte crescimento ao longo das duas últimas décadas e existem oportunidades para um maior desenvolvimento significativo. Está em curso uma transformação agrícola com base no investimento privado e na introdução gradual de modelos comerciais. O crescente número de agricultores e empresários de agronegócios emergentes em Moçambique, têm o potencial de participar em cadeias de produtos de base produtivas que irão gerar rendimentos superiores para as explorações agrícolas, ao mesmo tempo que se constrói uma base de produção agrícola capaz de competir em mercados internacionais.

Um dos exemplos de transformação agrícola moçambicana é a entrada do investimento externo na atividade. O exemplo é a cooperação existente no setor da agricultura entre a China e Moçambique, na qual uma empresa privada chinesa (Wanbao) investiu em agricultura na província de Gaza. A Empresa Wanbao entrou em Moçambique em 2011, dedicando-se a desenvolver uma cadeia de produção, processamento e venda de alimentos. O governo da província de Gaza decidiu doar 20 mil hectares para a empresa Wanbao promover o desenvolvimento agrícola local. Um outro projeto, que ainda não está em fase de implementação, que poderá dinamizar a atividade é o Prosavana³.

Se a economia mineira e do gás⁴ de Moçambique for bem gerida, poderá representar uma oportunidade para fazer desenvolver o setor agrícola e reduzir a pobreza, fornecendo, em particular, rendimento para o desenvolvimento e impulsionando a procura de produtos pelo consumidor. A procura de alimentos, especialmente produtos mais valorizados como produtos hortícolas e de origem animal, irá aumentar à medida que os rendimentos aumentam. As mudanças nas preferências do consumidor associadas à

³ Segundo a Câmara de Comércio, Indústria e Agropecuária Brasil-Moçambique (CCIABM), o projeto ProSavana está sendo realizado a partir da cooperação trilateral entre os governos do Brasil, Japão e Moçambique. O projeto é desenvolvido de acordo com as mesmas técnicas utilizadas no programa PRODECER, no cerrado brasileiro.

⁴ Por outras palavras que dizer que, se os ganhos provenientes da exploração dos recursos energéticos (carvão e gás) forem bem gerido pelo Estado moçambicano, isso pode promover o desenvolvimento da actividade agrícola e ajudar na redução da pobreza.

urbanização e riqueza irão aumentar, no geral, a procura de alimentos, bem como a procura de alimentos processados (NIJHOFF, 2014, p. 79).

Diante do exposto se sintetiza a agricultura moçambicana da seguinte forma: o país é essencialmente agrário, o que faz com que a maioria da sua população se dedique à agricultura e pecuária. A produção agrícola é realizada por dois setores: o empresarial e o familiar. Em Moçambique a maior percentagem da população vive na zona rural, dedicando-se exclusivamente à agricultura familiar caracterizada por pequenas propriedades que cultivam menos de 4 ha. É uma agricultura feita em moldes tradicionais, onde o uso de insumos modernos e da mecanização é bastante fraco e falta de financiamento é um dos problemas enfrentados por esses agricultores. Este setor detém a maioria das unidades agrícolas existentes no país. Para estes, a agricultura constitui a principal fonte de alimento e renda das famílias, tendo em alguns casos um pequeno excedente para venda. Por sua vez, o setor empresarial é constituído na sua maioria por firmas estrangeiras, ocupando grandes propriedades, cultivando essencialmente para a comercialização. São projetos agrícolas de grande escala, onde a mecanização agrícola se destaca e desenvolvimento das atividades com financiamento externo ou estrangeiro.

Situação da agricultura na província de Gaza

Segundo a Direção Provincial de Agricultura e Segurança Alimentar (DPASA, 2016), a província de Gaza é essencialmente agrária, com cerca de 90% da sua população a dedicar-se à atividade agrária, basicamente de pequena escala. Na província de Gaza existem um total de 216.736 explorações agropecuárias, tais explorações são constituídas em pequenas, médias e grandes explorações (INE, 2009).

O Instituto Nacional de Estatística-INE (2011) classifica em pequenas, médias e grandes explorações baseando-se em área da terra sob cultivo de culturas anuais e permanentes e número de efetivos de espécies pecuárias. Também, para a classificação das explorações, leva-se em conta fatores tais como o uso da rega, prática de horticultura e fruticultura. Veja no quadro abaixo (tabela 1) os critérios que o Censo Agro-Pecuário (CAP) usa para classificar as explorações agrícolas em Moçambique.

Tabela 1: Critérios para a classificação de explorações agrícolas em Moçambique.

Fatores	Parâmetro 1	Parâmetro 2
Área cultivada não irrigada (ha) ⁵	10	50
Área cultivada irrigada, pomares em produção, plantações, hortícolas, floriculturas	5	10

⁵ Área cultivada compreende a área com culturas anuais, permanentes, área em pousio parcial e com pastagens cultivadas, não incluindo área com pastagem natural.

(ha) ⁶		
Número de cabeça de gado Bovino	10	100
Número de caprinos, ovinos e suínos	50	500
Número de aves ⁷	2.000	10.000

Fonte: INE (2011).

Assim sendo, com base nos critérios do quadro acima, o INE (2011) estabeleceu a seguinte classificação de explorações agrícolas para Moçambique: (a) Pequena Exploração: se todos os fatores forem menores que o parâmetro 1; (b) Média Exploração: se um fator for maior ou igual aos valores do parâmetro 1 e menor que os valores do parâmetro 2; (c) Grande Exploração: se no mínimo um fator for maior ou igual aos valores do parâmetro 2.

Nos casos em que a exploração tenha simultaneamente atividade agropecuária e atividade aquícola, a exploração será classificada de acordo com o critério estabelecido para as explorações agropecuárias. Por sua vez, na situação em que a exploração é apenas aquícola, são consideradas grandes explorações as explorações comerciais, com mais de 5 hectares e uma produção de 100 toneladas por ano. Considera-se pequena exploração aquícola aquela que tem menos de 5 hectares. Não existe critério a priori para distinção de médias explorações aquícolas (INE, 2011, p. 10-11).

Portanto, do total de explorações existentes na província de Gaza, 211.067 são de pequenas dimensões, 5.516 são médias e 188 são de grandes dimensões. A área total cultivada é de 361.013 ha (Tabela 2).

Tabela 2: Número de explorações, área cultivada em diferentes tipos de UPA, segundo o tamanho que utilizam, meios de motomecanização e irrigação na província de Gaza, 2010.

Dimensões	Nº Explorações	Área Cultivada	Motomecanização	Irrigação
Pequenas	211.067	337.233 ha	58.271	11.963
Médias	5.516	20.131 ha	4.563	628
Grandes	188	3.649 ha	182	73
Total	216.771	361.013 ha	63.016	12.664

Fonte: INE (2011).

Os resultados da tabela acima mostram claramente que na província de Gaza, a atividade agrícola é ou continua a ser feita, na sua maioria, pelo setor familiar, que devido às inúmeras dificuldades que tem enfrentando, aliadas aos tipos de meios e técnicas que usam para a produção agrícola, é obrigado a produzir em pequenas parcelas. Ainda, os dados da

⁶ Para os casos das árvores de frutas e fruteiras novas ou em produção dispersa, a sua classificação obedece à seguinte distribuição: a) Se o nº de árvores for de 1 até 149, deve ser considerada pequena exploração; b) Se o nº de árvores for de 150 a 2000 árvores, deve ser considerada média exploração.

⁷ Em relação às aves, a exploração, para ser considerada média ou grande, deve ter exercido a atividade de forma contínua, pelo menos nos últimos 6 meses.

tabela ilustram que o uso da motomecanização ainda é baixo (cerca de ¼). Os mesmos resultados validam o estudo de Mosca (2014) quando afirma que a agricultura familiar constitui a atividade econômica que ocupa grande parte da população, constituídas, essencialmente, por pequenas explorações. Das 216.771 explorações existentes apenas 29,1% (63.016) usam meios de motomecanização nas suas explorações (INE, 2011).

No que concerne aos meios e fatores de produção utilizados pelos agricultores da província de Gaza e segundo o INE (2011), somente 12.664 explorações de pequenas, médias e grandes dimensões utilizam a irrigação em suas atividades produtivas. A pouca importância da irrigação nas explorações agrícolas é contraditória com a riqueza hídrica que a província detém.

O uso de insumos de produção na província ainda é baixo, o que favorece a baixa de produção de muitos agricultores que continuam exercendo as suas atividades nos moldes tradicionais. Os dados mostram que apenas 4.739 explorações agrícolas na província utilizam fertilizantes químicos nos seus processos produtivos (INE, 2011).

Outro fator ou aspecto importante que tem influenciado negativamente na produção agrícola na província é a falta de financiamento da atividade, principalmente aos agricultores do setor familiar. Os dados do INE mostram que das 216.736 explorações agrícolas existentes na província, apenas 5.282 explorações já se beneficiaram ou tiveram acesso ao crédito para a prática agrícola (INE, 2011).

No geral, os resultados acima permitem afirmar que estamos perante a uma agricultura de baixa à média intensidade, de uso de fatores e meios de produção que implementa, principalmente, dois tipos de sistemas de produção, de sequeiro e o do regadio (Quadro 1).

Quadro 1: Sistemas de produção colocados em prática pelos agricultores da província de Gaza.

Sistemas de Sequeiro	Sistemas de Regadio
<ul style="list-style-type: none">• Culturas de sequeiro de baixa exportação/productividade;• Pastagens (naturais ou melhoradas);• Agro-silvicultura (espécies indígenas ou exóticas),	<ul style="list-style-type: none">• Monocultura de arroz irrigado nos solos mais pesados e mal drenados;• Policultura de plantas de ciclo curto a médio, incluindo cereais e hortícolas

Fonte: Trabalho de campo (2018/2019).

As culturas mais importantes para a província de Gaza são o arroz, as hortícolas e o cajueiro. Para além desses cultivos, o milho, o feijão, a batata doce, a mandioca, o amendoim e o algodão são outras culturas mais recorrentemente produzidas pelos agricultores da província.

Nesse sentido, investimentos públicos em irrigação, logística e novas técnicas de cultivo, assim como o financiamento ou acesso ao crédito agrícola pelos agricultores deverão ser os eixos estratégicos que o governo de Moçambique deverá explorar no futuro, para desenvolver e modernizar o setor agrícola. Isso vai ao acordo com o pensamento de Mazoyer (2010) quando fala da necessidade de políticas nacionais de proteção e de desenvolvimento da economia camponesa pobre. Conforme o autor,

É preciso que essa agricultura tenha efetivamente acesso à terra, ao crédito, às instalações hidráulicas suficientes e em bom estado, e aos resultados de pesquisa apropriados a suas necessidades. Será preciso, ainda, que ela se beneficie de uma estabilidade dos preços e de uma segurança fundiária suficientes para ter a certeza que colherá os frutos do seu trabalho e de seus investimentos. Será preciso, ainda, que a renda dessa agricultura não seja erodida pelos custos de transformação e de comercialização exorbitantes ou por encargos fundiários, impostos ou taxas exageradas (MAZOYER, 2010, p. 545).

Para Benfica (2012), a adoção de tecnologias melhoradas pode ter um efeito considerável nas rendas rurais, sempre e quando outros recursos também estejam disponíveis, tais como mão de obra, irrigação e tecnologias de conservação do meio ambiente. Infelizmente, a escassez de financiamento rural tem dificultado a adoção dessas tecnologias por grupos mais numerosos de agricultores, o que se agravou recentemente em função dos substanciais aumentos de preço dos fertilizantes químicos.

Já, Castel Branco (2008) considera que esta situação demonstra a necessidade de uma abordagem estratégica, bem como de potenciar a articulação das atividades agrícolas com a indústria e os serviços, designadamente nas áreas dos transportes e logística. “Para ter agricultura, temos que ter alguma indústria e para ter alguma indústria temos que ter agricultura. Para a agricultura e a indústria se ligarem, eu tenho que ter transporte, estrada de ferro, barco, rodovias, armazém e carro. É preciso ter um sentido estratégico” (CASTEL BRANCO, 2008, p. 13).

A partir do exposto, pode-se compreender o impacto que o limitado acesso ao crédito, assistência técnica, insumos de produção e acesso ao mercado ou comercialização tem na produtividade agrícola dos agricultores locais. A reduzida alocação de recursos públicos para a agricultura, principalmente para a agricultura familiar, e a deficiente atratividade desta para receber os investimentos privados, trazem fragilidades às instituições públicas de prestação de serviços à agricultura (venda de insumos, mecanização, assistência técnica, manutenção de infraestruturas produtivas, por exemplo, de regadios e de comercialização). Esses aspectos colocam os pequenos produtores em situações que dificultam a realização e a venda da produção, para a inovação e modernização dos

sistemas de produção e conseqüente transformação estrutural dos agricultores do setor familiar que têm a agricultura como a principal fonte geradora de rendimentos.

Todavia, havendo facilidades no acesso pelos agricultores aos meios e fatores de produção, observa-se o que Mosca (2014) considera uma profunda transformação da atividade agrária.

Haveria, então, uma maior intensificação da agricultura com o fator capital; maior integração da agricultura nos mercados; aquisição de mais conhecimento e domínio técnico por parte dos agricultores através da aplicação dos resultados da investigação e da extensão rural, melhores infraestruturas produtivas e mais e melhores serviços aos produtores.

Por último, se forem postas em prática as ideias de Mosca (2014), a produção e produtividade dos agricultores aumentará e, conseqüentemente, poderá permitir a muitos agricultores uma mudança do sistema de produção, tornando, desse modo, o regadio e a província uma região de grande produção de alimentos e de referência agrícola.

A tipologia dos agricultores

Por meio da pesquisa de campo, foram identificados quatro (4) grandes grupos ou tipos de agricultores (Quadro 2).

Quadro 2: Tipologia dos agricultores da região do Regadio do Baixo Limpopo.

Tipo	Especificação
Tipo 1	Agricultor do Setor Familiar organizado por Casas Agrárias
Tipo 2	Agricultor do Setor Familiar Autônomo
Tipo 3	Agricultores Emergentes
Tipo 3A	Agricultores Emergentes Beneficiários da Transferência de Tecnologia
Tipo 3B	Agricultores Emergentes não Beneficiário da Transferência de Tecnologia
Tipo 4	Empresas Agrícolas Privadas

Fonte: Trabalho de Campo (2018/2019)

Tipo 1: Agricultor do setor familiar organizado por casas agrárias

As unidades de produção agrícola Tipo 1, “Agricultor do Setor Familiar Organizado por Casas Agrárias”, localizam-se no “bloco de drenagem”, nomeadamente os blocos de Inhacutse, Poiombo, Siaia, Nhocoene, Chongoene, Fidel Castro ou Nhampondzuene e Inhamissa. São nesses blocos acima mencionados em que se localizam as sete Casas Agrárias existentes no regadio do Baixo Limpopo.

O perfil Tipo 1 perfaz mais de um terço do total de agricultores que desenvolvem atividade agrária no regadio do Baixo Limpopo. Esta categoria (tipo 1) representa 70,8 % do total dos agricultores entrevistados que exercem as suas atividades dentro do perímetro irrigado. Todos os agricultores pertencentes a essa categoria possuem as suas habitações nas áreas de cultivo ou nas redondezas das suas machambas.

Os dados obtidos mostram mais uma vez que são as mulheres que constituem a base de trabalho nessas unidades agrícolas. Desse modo, 64,29% dos agricultores entrevistados são do sexo feminino, e 35,71% do sexo masculino (Pesquisa de campo, 2018/2019). No que concerne à composição familiar, importa mencionar que as famílias são compostas em média por oito pessoas e no seio dessas famílias os principais níveis de escolaridade são o primário e básico.

Geralmente, a agricultura é a principal fonte de renda, pois aproximadamente 93% dos agricultores entrevistados afirmaram ter a atividade agrícola como a principal fonte de renda. As demais formas de renda são pouco relevantes, pois alcançam menos de 8% dos agricultores entrevistados.

O sistema de produção está baseado em uma agricultura mais tradicional e com irrigação feita de forma manual por canais e drenagens, destinado, essencialmente, para a sua subsistência, com uso de meios e instrumentos rudimentares (em que a enxada é o principal instrumento usado) e com baixo uso de insumos industriais (adubos e fertilizantes).

Uma das características desta tipologia de agricultores que salta aos olhos é o fato de as suas unidades de produção serem constituídas, na sua maioria, por 0,5 ha em média, ou seja, dispõem de pequenas áreas de lavoura e para a criação de gado (pastagem). A criação de gado é realizada em áreas ou terras ociosas fora das unidades de produção (“machambas”), mas pertencentes ao Regadio do Baixo Limpopo e também, às vezes, usam a serra e a planície moçambicana para a pastagem.

As hortícolas e os cereais são os principais cultivos destacando-se, em especial, o milho, o feijão, a mandioca, o amendoim, a batata doce, a couve, a alface, o tomate e a cebola. A finalidade principal da produção é o autoconsumo, mas, no caso de excedentes, acabam por vender alguns produtos para comerciantes locais e para a comunidade local.

Quanto aos apoios prestados pelo governo para a realização das suas atividades, 51,7% dos agricultores nunca tiveram apoio ou assistência do governo, apenas 48,3% afirmam ter tido algum apoio do governo com o fornecimento de sementes melhoradas e prestação de assistência técnica por meio dos serviços de extensionistas públicos. E no que concerne aos financiamentos recebidos para o desenvolvimento das suas atividades, 92,86% dos agricultores nunca receberam qualquer tipo de financiamento, apenas 7,14% disseram já terem recebido algum financiamento para as suas atividades, financiamentos

esses, provenientes de alguns amigos e familiares, bem como de algumas organizações não governamentais.

Tipo 2: Agricultor do setor familiar autônomo

As unidades de produção agrícola do Tipo 2, “Agricultor do Setor Familiar Autônomo”, localizam-se, também, no “bloco de drenagem”. Essa categoria representa 12,6% do total dos agricultores entrevistados que exercem as suas atividades dentro do regadio do Baixo Limpopo.

Para essa categoria, os dados já mostram um equilíbrio em termos de gênero, apesar de se reconhecer o papel que as mulheres desempenham nas unidades agrícolas. Assim sendo, 50% dos agricultores familiares autônomos entrevistados são do sexo feminino (Pesquisa de campo, 2018/2019). No que concerne à composição familiar, importa referir que as famílias são compostas em média por sete pessoas e, no seio dessas famílias, o nível primário é o principal nível de escolaridade existente.

A agricultura é a principal fonte de renda, pois todos (100%) os agricultores familiares autônomos entrevistados afirmaram ter na atividade agrícola a principal fonte de renda. O sistema de produção dessa categoria também está baseado em uma agricultura tradicional, com irrigação realizada de forma manual e por canais e drenagens. A produção agrícola é destinada essencialmente para a sua subsistência, com uso de meios e instrumentos rudimentares (em que a enxada é o principal instrumento usado) e com uso intermediário de insumos industriais (adubos e fertilizantes).

Esse tipo de agricultor destaca-se pelo fato de suas unidades de produção possuírem na sua maioria por 1ha em média, ou seja, dispõem de pequenas áreas para a lavoura e para a criação de gado (pastagem). As hortícolas e os grãos são os principais cultivos dos agricultores do setor familiar autônomos. É nesse sentido que o milho, a couve, o repolho, o feijão, a alface e a cenoura constituem principais culturas. A finalidade principal da produção dessas culturas é o autoconsumo, mas, no caso de excedentes, acabam por vender alguns produtos para comerciantes locais e para a comunidade local.

Quanto ao apoio prestado pelo governo à realização das suas atividades, 80% dos agricultores entrevistados afirmaram que nunca tiveram apoio ou assistência, somente 20% dizem ter tido algum apoio, em especial com sementes melhoradas e assistência técnica por meio dos serviços de extensionistas públicos. No que concerne aos financiamentos recebidos para o desenvolvimento das suas atividades, todos os agricultores entrevistados afirmaram que nunca receberam qualquer tipo de financiamento para desenvolverem as suas atividades.

Tipo 3: Agricultor emergente

O Tipo Agricultor Emergente compreende todos aqueles existentes no regadio do Baixo Limpopo que se encontram em um estágio relativamente avançado em termos de acesso aos fatores de produção (quando comparado com os Tipos 1 e 2). São agricultores que já apostam em alguma inovação na atividade agrícola, em especial, com a utilização parcial da mecanização agrícola.

No que tange ao componente transferência de tecnologia, deve-se, aqui, ressaltar que temos duas situações distintas, a saber: Agricultores Emergentes produtores de arroz, beneficiários do programa de transferência de tecnologia (Tipo 3A), e Agricultores Emergentes produtores de arroz não beneficiários do programa de transferência de tecnologia (Tipo 3B).

Tipo 3A: Agricultor emergente beneficiário do programa transferência de tecnologia

As unidades de produção agrícola Tipo 3A localizam-se no “bloco de irrigação”, para implementação do programa de transferência de tecnologia, e suas próprias “machambas” localizam-se no “bloco de drenagem”. Esta categoria representa 8,8% do total dos agricultores entrevistados que exercem as suas atividades dentro do regadio do Baixo Limpopo.

A principal especificidade que os diferencia dos demais tipos de agricultores ou categorias existentes é o fato de que esses agricultores, para além de se beneficiar de uma área de produção agrícola para a implementação do programa de transferência de tecnologia fornecida pelos chineses da Wanbao, possuem as suas próprias áreas de produção agrícola, onde exercem as suas atividades principalmente na época do defeso da produção do arroz.

Dos agricultores entrevistados pertencentes a essa categoria, 57,2% são do sexo feminino e os restantes, 42,8%, do sexo masculino. No que diz respeito ao nível de escolaridade dos agricultores entrevistados, 57,2% possuem o nível básico, 28,5% possuem o nível primário e os restantes 14,3% têm o nível médio de escolaridade (Pesquisa de campo, 2018/2019). No que concerne à composição familiar, importa referir que as famílias são compostas em média por sete pessoas.

A tecnologia é fornecida pela Wanbao e a assistência técnica e os insumos (água, sementes, adubos) são totalmente pagos pelo agricultor. Quanto às transações envolvendo a Wanbao e produtores de arroz, os contratos preveem que a frequência da entrega de

arroz à Wanbao se faça uma vez por campanha. A frequência de assistência técnica é permanente e a frequência de recebimento da matéria-prima para a produção é uma vez por cada campanha.

Os agricultores têm acesso aos equipamentos e à tecnologia necessária para o processo de produção agrícola, sendo o maquinário disponibilizado pela agroindústria (Projeto Wanbao) e pela empresa Regadio do Baixo Limpopo, Empresa Pública (RBL-EP). Os agricultores do programa de transferência de tecnologia se beneficiam de um processo permanente de acompanhamento, recebendo treinamentos e formações específicas ministrados por técnicos da empresa Wanbao e do RBL-EP.

O sistema de produção desta categoria está baseado em uma agricultura intensiva e irrigada, onde a principal finalidade é a produção de excedentes comercializáveis. Este sistema de produção demanda a utilização de um elevado nível de insumos industriais (adubos, fertilizantes e agrotóxicos). Um dos aspectos que diferencia esta categoria das demais reside nas dimensões das unidades de produção, na sua maioria, com áreas entre 0,5 e 4 hectares.

Todos os agricultores afirmaram serem beneficiários de apoio governamental por meio da Empresa Regadio do Baixo Limpopo. No que diz respeito aos financiamentos recebidos para o desenvolvimento das suas atividades, todos afirmaram que obtiveram financiamento no âmbito do programa de transferência de tecnologia.

Tipo 3B: Agricultor emergente não beneficiário do programa transferência de tecnologia

A totalidade das unidades de produção agrícola Tipo 3B localizam-se no “bloco de irrigação”. Esta categoria representa 7,5 % do total dos agricultores entrevistados que exercem as suas atividades dentro do perímetro irrigado.

Um aspecto importante a destacar e que diferencia esta categoria das restantes categorias é o fato de todos os agricultores entrevistados serem do sexo masculino. No que concerne à composição familiar, importa mencionar que as famílias são compostas em média por cinco pessoas, e no seio dessas famílias os níveis de escolaridade médio e superior são os principais.

O sistema de produção dessa categoria está baseado em uma agricultura intensiva e irrigada com uma intensa utilização de insumos industriais (adubos, fertilizantes e agrotóxicos). Uma das características que salta aos olhos é o fato de as suas unidades de produção serem constituídas por áreas, na sua maioria, de mais de 4 ha. A criação de gado é realizada em áreas ou terras ociosas fora das unidades de produção (“machambas”), mas

pertencentes ao RBL. O arroz é a principal cultura produzida por esta categoria de agricultores.

A grande maioria desses agricultores (83,33%) afirmou que produz apenas arroz nas suas unidades de produção. E os restantes 16,67% afirmaram que, além da produção do arroz, também produzem milho e feijão.

Quanto aos apoios prestados pelo Estado para a realização das suas atividades, a grande maioria dos agricultores entrevistados afirmou que o governo lhes facultava os serviços de extensão agrária ou assistência técnica. Em relação aos financiamentos recebidos, 83,3% dos agricultores entrevistados desta categoria afirmaram que já receberam algum financiamento proveniente de algumas instituições financiadoras, nomeadamente Cooperativa de Poupança e Crédito dos Produtores do Limpopo (CPL), Banco Comercial de Investimentos (BCI), Instituição Financeira de Desenvolvimento (GAPI) e Fundo de Desenvolvimento Agrário (FDA).

Tipo 4: Empresas agrícolas privadas

A totalidade das unidades de produção agrícola Tipo 4 localizam-se no “bloco de irrigação”. Esses são considerados os verdadeiros “agricultores comerciais”, com projetos agrícolas de grande escala, produção voltada essencialmente ao mercado e desenvolvimento das atividades com financiamento externo ou estrangeiro.

Atualmente, há no regadio do Baixo Limpopo cinco (5) empresas agrícolas privadas, com investimento estrangeiro, a desenvolverem a atividade agrícola. Na sua carteira de parcerias, a RBL conta, neste momento, com cinco empresas privadas, nomeadamente a Wanbao, Agroset, Moz India, Igo Sammartine e Lianfeng.

Cabe mencionar que todas essas empresas agrícolas privadas se fixaram e começaram a realizar atividades de produção agrícola no regadio do Baixo Limpopo depois que este passou por uma reabilitação e expansão.

A produção é destinada exclusivamente para a comercialização. O uso de grandes extensões de terra para o desenvolvimento da atividade agrícola, a mecanização agrícola e o uso em grande escala de insumos melhorados são as principais características desse tipo de agricultores. O arroz, o milho e o algodão são as principais culturas produzidas por essas empresas agrícolas privadas no perímetro irrigado do Limpopo.

Uma breve reflexão sobre a diversidade de agricultores

A região do regadio do Baixo Limpopo é constituída por uma vasta área de terra arável, apresentando condições agroecológicas propícias para a prática da agricultura. Esse

espaço agrário foi historicamente o palco de inúmeras ações, por parte do poder público e de diferentes agentes de mercado, que afetaram e moldaram a agricultura local, em especial, os sistemas de produção implementados pelos agricultores locais. De uma dualidade representada, de um lado pelo modelo cooperativo e, de outro lado, pelo modelo empresa estatal, no período pós independência, tem-se hoje uma nova dualidade, representada pelo modelo familiar e pelo modelo empresarial privado.

A partir do ano 2000, grandes extensões de terra do regadio do Baixo Limpopo, outrora geridas pelas cooperativas são repartidas em pequenas explorações de tipo familiar, organizadas em associações que, por sua vez, são aglomeradas em torno das Casas Agrárias. Ao mesmo tempo, as áreas exploradas pelas antigas empresas estatais passam a ser exploradas por agricultores emergentes e por empresas agrícolas privadas.

Os agricultores familiares (Tipos 1 e 2) são mais representados com unidades de produção constituídas essencialmente por pequenas explorações com menos de 2 hectares⁸. Estes vivem principalmente de atividades agropecuárias de pequena escala, com alguma heterogeneidade de atividades econômicas de geração de rendimentos dentro das famílias. A produção de alimentos para o autoconsumo constitui a base principal da estrutura produtiva do setor familiar.

Importa referir que no regadio do Baixo Limpopo pode-se identificar três grandes perfis de explorações agrícolas correspondentes com os diferentes tipos de agricultores (quadro 3).

Quadro 3: Classificação dos perfis de unidades de produção agrícola e correlação com os tipos identificados no Regadio do Baixo Limpopo.

Perfil de Exploração	Área cultivada	Correlação com a tipologia
Grandes explorações	50 ou mais hectares de área de cultivo	Tipo 4
Médias explorações	5 ou mais hectares de área de cultivo	Tipo 3 (A e B)
Pequenas explorações	1 a 2 hectares de área de cultivo	Tipo 1 e Tipo 2

Fonte: Trabalho de campo (2019).

Portanto, os Tipos 1 e 2 (“Agricultores do setor familiar organizados em Casa Agrárias” e os “Agricultores do setor familiar autônomo”), além de serem os tipos de agricultores predominantes no regadio, têm a sua mão de obra composta majoritariamente por mulheres. Geralmente, as atividades nesses tipos de unidades são gerenciadas e operadas por uma família e, predominantemente, dependentes da mão de obra familiar. A

⁸ De acordo com os dados do TIA, a área mediana cultivada por uma pequena exploração é 1.3 ha comparada com 6.0 há, para uma exploração média, e 145 ha para uma grande exploração (CAP/2000).

baixa produção agrícola obtida por esses agricultores é reflexo das dificuldades de acesso a terra, ao capital, ao crédito agrário e à assistência técnica.

A seguir, são apresentados alguns aspectos característicos dos agricultores (Tipo 1 e 2) do regadio do Baixo Limpopo que os diferenciam dos demais tipos existentes: (a) Dimensão do espaço cultivável: a área/extensão máxima do estabelecimento é determinada pelo que a família pode explorar com base no seu próprio trabalho associado à tecnologia de que dispõe; (b) Percentagem da mão de obra familiar envolvida na exploração: o rendimento retirado da atividade agrícola e atividades conexas (transformação, comércio, prestação de serviços etc) resulta, predominantemente, do trabalho do agricultor e sua família (enquanto na agricultura patronal o rendimento retirado da atividade agrícola resulta, predominantemente, da exploração do trabalho de terceiros e não família); (c) Rendimento da atividade agrícola e atividades conexas representam um peso significativo no rendimento global do agricultor (para o cálculo do rendimento resultante da atividade agrícola e atividades conexas deve ser contabilizado o comércio informal, o autoconsumo e os subsídios ao setor); (d) Forma de produção tendo em conta a sustentabilidade dos recursos naturais e produção ecológica (sem recurso a adubos químicos, pesticidas, herbicidas, sementes híbridas), promoção de saberes e técnicas tradicionais associadas à produção e tradições culturais da família em relação a agricultura; (e) Produção de alimentos também para consumo familiar: a subsistência da família depende fundamentalmente dos alimentos produzidos na unidade de produção.

Portanto, constatou-se, também, que todos os agricultores do setor familiar (Tipos 1 e 2) sentem-se marginalizados ou excluídos do acesso dos seus direitos, uma vez que os recursos destinados para a agricultura, dificilmente chegam aos agricultores do setor familiar existentes no regadio do Baixo Limpopo e em Moçambique, no geral.

A partir das entrevistas realizadas junto a esses agricultores foi possível perceber que a agricultura é a principal e única fonte de renda. Porém, tal renda proveniente dessa atividade não consegue suprir todas as necessidades deles. Uma das estratégias para minimizar essa questão parece passar pelo aumento das áreas de produção, por um acesso facilitado ao financiamento, aos serviços de extensão e aos meios de produção. Isso, certamente, permitirá que a produtividade aumente e conseqüentemente proporcione um aumento da renda, o que fará com que as necessidades possam ser supridas.

A pecuária é outra atividade considerada secundária para esses agricultores. O gado bovino, suíno e caprino são as espécies mais criadas por eles. Outro aspecto característico é o fato de maior parte desses agricultores não venderem os seus animais, preferindo usá-los como reserva viva. Portanto, é necessário que os agricultores do regadio do Baixo Limpopo olhem para a pecuária como uma atividade que poderá ajudar na diversificação da renda e melhorar a qualidade de suas vidas, já que poderão usufruir da

renda obtida com a comercialização de produtos da criação para suprirem algumas necessidades diárias.

Também, é fundamental que se organizem (em associações) para a defesa dos seus interesses de natureza econômica e sindical (interesses de classe), mesmo sabendo-se que as associações existentes são as que se encontram organizados em Casas Agrárias geridas pela RBL-EP. Além dos serviços prestados pelas associações/Casas Agrárias, é necessário que se melhore ainda mais a organização interna e aprimore a questão de gestão da instituição, a fim de dotar-lhes de capacidade de negociação e diálogo. Somente assim, poderão ter apoio financeiro de organizações não governamentais ou projetos financiados por recursos externos e provavelmente o apoio do Estado.

Em relação ao Tipo 3 (3A e 3B) pode-se identificar um certo grau de satisfação com a maneira como eles desenvolvem as suas atividades, principalmente os chamados “Agricultores emergentes beneficiários do programa de transferência de tecnologia”, pois obtiveram sucesso em ampliar a área de suas unidades de produção, de uma área de 1 hectare para áreas de 4 a 5 hectares. A produção pode ser ampliada de duas toneladas (antes da atuação da adesão ao programa) para 6 a 7 toneladas (com a integração no programa de transferência de tecnologia). Logo, constata-se que esses agricultores foram amplamente favorecidos, obtendo um aumento da produção e da produtividade agrícola, não somente devido ao aprendizado de novos métodos e técnicas de cultivo de arroz, mas acima de tudo por passarem a ter acesso a um mercado garantido (ao venderem a sua produção à empresa Wanbao).

O principal dilema enfrentado por esses agricultores/as tem relação com a questão do preço da venda do arroz à empresa Wanbao, considerado muito baixo e não justo pelos agricultores. Cabe salientar que o preço do arroz é fixado pela empresa gestora do regadio em coordenação com a empresa Wanbao. É por esta razão que quase a totalidade dos agricultores Tipo 3B não comercializa sua produção de arroz para a empresa Wanbao, preferindo vender para comerciantes da província ou da vizinha província de Maputo. Já, os agricultores Tipo 3A, por força de seus engajamentos contratuais, são obrigados a venderem a sua produção de arroz à empresa Wanbao.

Sendo assim, as perspectivas futuras desses agricultores/as podem ser consideradas promissoras, especialmente se olharmos para a situação em que se encontram atualmente e a evolução ocorrida⁹ no desenvolvimento das suas atividades. Porém, pode-se identificar algumas questões consideradas conflitantes para a consolidação desses agricultores. A primeira questão é a não participação dos agricultores/as na definição

⁹ Evolução referida tem a ver com o uso de fatores de produção, nomeadamente insumos melhorados, a mecanização das suas atividades, uso de áreas de produção relativamente maiores e acesso ao financiamento para desenvolverem as suas atividades.

do preço de venda do arroz. Outra questão relevante diz respeito à definição dos custos dos serviços prestados aos agricultores, cobrados pela empresa Wanbao e pelo RBL-EP, quando da comercialização da produção de arroz.

As variáveis que ajudam a melhor compreender as peculiaridades existentes entre os diferentes tipos de agricultores/as pertencentes ao regadio do Baixo Limpopo, são:

1. O acesso à terra determina as áreas exploráveis por uma unidade de produção familiar e, por conseguinte, a produção e o rendimento disponível da família. É, pois, um critério de diferenciação muito poderoso e atuante em todos os contextos. O regime de cedência da terra, assegurado por via administrativa no regadio ou por via do direito fundiário tradicional no sequeiro, é portador de alguma insegurança e precariedade e reflete-se, naturalmente, nas estratégias de investimento dos agricultores. Essa precariedade fundiária apresenta várias consequências no plano produtivo e da conservação da fertilidade do solo, ligadas ao fato de não sustentarem ou promoverem uma visão e uma dinâmica de produção de médio e longo prazo.
2. O acesso aos meios de produção é, talvez, o fator mais patente para a explicação das diferenças observadas entre os agricultores. Com efeito, num sistema onde o principal meio de acumulação de riqueza no médio-longo prazo (a terra) está ausente, as estratégias dos agricultores são direcionadas a aquisição dos fatores de produção chave: o gado e alfaias agrícolas, para a preparação das terras, e transporte de bens e mercadorias.
3. A capacidade de mobilização da força de trabalho está, também, na base da diferenciação dos agricultores. Uma família não tem uma capacidade de trabalho (humano e até animal) que lhe possa permitir, regra geral, trabalhar mais do que 4 a 5 hectares. Embora se possa registar casos de trocas de trabalho entre famílias, elas não são usuais, donde áreas mais extensas só podem ser trabalhadas com o recurso da contratação de força de trabalho exterior, o que requer grandes disponibilidades financeiras, apenas detidas pelos agricultores empresariais e alguns considerados emergentes com acesso ao crédito.
4. A utilização de fertilizantes e pesticidas é dependente da possibilidade de aquisição, portanto, é um fator limitante da produtividade agrícola.

Por fim, é importante afirmar que o acesso ao crédito se assume como fundamental para quebrar o “ciclo vicioso” da pobreza que, segundo Mosca (2014), apresenta escassos recursos, baixa produção e baixo rendimento. Logo, a situação de acesso limitado ou mesmo inexistente ao crédito ao qual estes agricultores/as são submetidos representa um

grande entrave à expansão e melhoria do aproveitamento do elevado potencial agrícola que a região do regadio do Baixo Limpopo possui.

Considerações finais

A região do regadio do Baixo Limpopo oferece condições agroecológicas amplamente favoráveis para o desenvolvimento das atividades agrárias. Acredita-se que sejam essas condições que atraíram os povos khoisans e Bantu, bem como os portugueses a se instalarem na região do Baixo Limpopo. Portanto, a construção do regadio, a independência, a guerra civil, o acordo geral de paz e a inserção de Moçambique na economia de mercado são alguns dos fatores que impactaram de maneira intensa e inequívoca na formação e estruturação socioeconômica desta região em estudo.

A partir dos resultados deste trabalho, foi possível concluir que toda e qualquer ação em prol do desenvolvimento rural para a região do regadio do Baixo Limpopo passa por um entendimento e compreensão da existência de diferentes tipos de agricultores. Atualmente, e com base na pesquisa realizada, identificou-se na região do regadio do Baixo Limpopo a existência de quatro (4) grandes tipos de agricultores, nomeadamente os Agricultores do Setor Familiar; Agricultores Autônomos; Agricultores Emergentes e Empresas Agrícolas Privadas. Os Agricultores do Setor Familiar representam a maioria dos agricultores locais e são, na sua maioria, filiados as sete (7) Casas Agrárias existentes no perímetro do regadio. Os Agricultores Autônomos não estão filiados às Casas Agrárias existentes e com unidades de produção relativamente maiores que a dos agricultores familiares filiados às Casas Agrárias. Os Agricultores Emergentes abrangem tanto beneficiários dos programas de transferência de tecnologia como não beneficiários. Também, tem como característica principal a produção de arroz irrigado. Por fim, as Empresas Agrícolas Privadas, que são compostas na sua maioria por firmas estrangeiras, desenvolvendo as suas atividades agrícolas dentro do regadio.

A diferenciação social ou desigualdade dos agricultores do regadio do Baixo Limpopo pode ser explicada por algumas condicionantes. A primeira delas é o acesso à terra, que determina as áreas exploráveis por unidade de produção familiar e, por conseguinte, a produção e o rendimento disponível da família. A segunda condicionante é o acesso aos meios de produção, a variável mais importante e que mais determina as diferenças observadas entre os agricultores. Por fim, é a capacidade de mobilização da força de trabalho dos agricultores locais.

Referências

CASTEL-BRANCO, C. N. **Notas de Reflexão sobre a Revolução Verde contributo para um debate**. Maputo: IESE, 2008.

CUNGUARA, B.; MODER, K. Is agricultural extension helping the poor? Evidence from rural Mozambique. **Journal of African Economies**, Maputo, 2011.

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **Agricultura: Conseguir avanços sustentáveis na agricultura**. (s/d). disponível em: <http://www.fao.org/3/i0765pt/i0765pt08.pdf> . Acesso em: 27 de set. 2019.

FMI - Fundo Monetário Internacional. **Departamento em África**. Moçambique em Ascensão: Construir um novo dia. Whashington - D.C., 2014.

INE. **Censo Agro-Pecuário. CAP 2009-2010: Resultados definitivos**, Maputo, Novembro, 2011. Disponível em: http://mozambique.countrystat.org/fileadmin/user_upload/countrystat_fenix/congo/docs/censo_agr_pecuario2009_%202010.pdf. Acesso em: 23 de set. 2019

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **Histórias das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MOSCA, J. **Agricultura Familiar em Moçambique: ideologias e políticas**. Lisboa: CESA, 2014.

NIJHOFF, J. J. et al. Desenvolver o setor Agrícola. In: FMI. **Moçambique em Ascensão: Construir um novo dia**. Whashington - D C, USA, 2014.

OBSERVATÓRIO DO MEIO RURAL - OMR. **Políticas Públicas e Agricultura**, Maputo, n. 36, 2016.

SITOE, T. A. **Agricultura familiar em Moçambique: estratégias de desenvolvimento sustentável**. Maputo, jun. 2005.

SITOE, T. A. **Os desafios da Investigação Agrária em Moçambique**. Maputo, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/269101431> . Acesso em: 29 de set. 2017.

USAID. **Investimento Privado no Sector de Agricultura em Moçambique**. 2008. Disponível em: http://speed-test.co.s79942.gridserver.com/wpcontent/uploads/2012/09/nathan-216073-v1-private_investment_in_the_agriculture_sector_portuguese.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2017.

Sobre os autores

Nelson Maria Rosário – Graduação em ensino de Geografia pela Universidade Pedagógica de Moçambique (2005); Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (2014), Doutorado em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2020). Docente na Escola Superior de Negócio e Empreendedorismo de Chibuto (ESNEC-UEM). **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-9558-6352>.

Como citar este artigo

ROSÁRIO, Nelson Maria. Agricultura no regadio do Baixo Limpopo, Gaza, Moçambique: uma breve análise e reflexão sobre a tipologia dos Agricultores. **Revista NERA**, v. 24, n. 60, p. 226-249, set.-dez., 2021.

Recebido para publicação em 26 de junho de 2020.

Devolvido para a revisão em 21 de março de 2021.

Aceito para a publicação em 06 de julho de 2021.
